



PONTE DE FERRO



Estrutura turística que custou R\$ 1 milhão aos cofres públicos não foi concluída, dá sinais de deterioração e atrai usuários de droga

Balneário do desperdício

GLÁUCIO NOGUEIRA
DA REDAÇÃO

Com a construção paralisada há quase 3 anos, a estrutura do que deveria ser um balneário e movimentar o turismo no Complexo da Ponte de Ferro se transformou em mais um símbolo do desperdício do dinheiro público. O espaço, que custou mais de R\$ 1 milhão, deveria ter um posto policial, um restaurante, quiosques, Centro de Atendimento ao Turista, estacionamento para 50 carros, banheiros, vestiários e até mesmo um shopping popular. Mas o que se vê é muito mato e as construções se deteriorando por cerca de 20 mil metros quadrados.

A construção do balneário, nas duas margens da estrada que liga o Cuiabá ao distrito do Coxipó do Ouro, foi suspensa por falta de pagamento da prefeitura, que recebeu uma emenda parlamentar em 2007. Com a paralisação, além de não servir a população ou fomentar o turismo, o espaço se tornou, no período noturno, ponto de encontro de viciados em drogas, que consomem ali, livremente, os entorpecentes.

Moradores da região, comerciantes e frequentadores são unânimes em apontar que o local vive em total abandono do poder público. Para se ter uma ideia, a última inspeção da qualidade da água do Rio Coxipó, usado para o banho, foi feita em julho de 2010, como atesta uma placa fixada pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente de Mato Grosso (Sema/MT) na trilha que leva os banhistas da estrada para a água.

Morador da região há mais de 10 anos, Edésio Alves dos Santos, 50, lembra com saudade de como era a região antes da obra, quando a população era atendida por um bar particular. “Era uma delícia, com muitas famílias, crianças, visitantes de outras cidades conhecendo nosso rio”. Hoje, destaca, a situação vivida beira o caos. “Sem a PM, por exemplo, de vez em quando tem confusão entre banhistas. E à noite a situação é pior”.

Santos conta que chegou a comercializar mais de 750 carretas de aterro para a fase inicial das obras e que até hoje não recebeu pela terra. Em uma das tentativas de cobrança, chegou a acionar a empreiteira na Justiça, sem reposta até o momento. “Fiquei sem dinheiro e a população daqui sem essa opção com estrutura”.

Espaços edificadas para o funcionamento do restaurante e do Centro de Atendimento ao Turista estão abandonados

Intenso calor continua a atrair visitantes para o local, mesmo com a falta de estrutura. Mas o número vem caindo a cada mês



Fotos: Chico Ferreira

Local recebe diariamente moradores locais e turistas

Um dos comerciantes que se instalaram no local após o fechamento do bar, Jardel Coutinho Bravo, vende bebidas instalado embaixo de um árvore há 2 anos. Ele reclama do movimento, que cai, dia após dia, com a paralisação das obras. “Está cada vez mais difícil vender aqui, porque as pessoas vêm uma vez e, sem estrutura, não voltam mais”.

O comerciante vê falhas de gestão por parte do poder público que trazem, como resultado, desperdício de dinheiro. “Basta olhar o que está feito. Não falta muito para ser concluído, mas do jeito que está não pode funcionar. Enquanto isso, perdemos dinheiro dos turistas, falta segurança e verbas para educação e saúde”.

Quem sai de Cuiabá com destino à Ponte de Ferro encontra, logo depois do Rio Coxipó, 3 estruturas diferentes que deveriam abrigar o

balneário. À esquerda, onde deveria funcionar um restaurante há apenas o esqueleto, coberto e com parte do acabamento iniciada. Sem a devida conservação, quase não dá para perceber que o local já possui piso de cerâmica no chão. A parte metálica, que inclui um portão, já apresenta sinais de desgaste e ferrugem, antes mesmo do início do funcionamento do local.

Já do lado direito, um portão tranca a sala onde deveria funcionar uma Companhia da Polícia Militar. No esqueleto, basicamente a mesma situação verificada no restaurante, com muita poeira no piso e pequenos sinais de má conservação.

Ao lado, passando pelas fossas de esgoto, já construídas, ao menos 3 estandes, onde deveriam funcionar o Centro de Atendimento ao Turista, um posto médico e lojas de conveniência. Tudo abandonado, trancado e apodrecendo. “É triste saber que com isso funcionando a população teria mais uma opção de lazer”, reclama Jardel.

Atravessando uma pequena ponte de madeira, é

possível ver o terreno onde seria construído um estacionamento com 50 vagas, além de 7 quiosques inacabados e 2 grandes vestiários também sem acabamento. O madeiramento usado para a construção dos quiosques começa a apodrecer e as estruturas onde deveriam funcionar as churrasqueiras, uma por quiosque, são usadas como depósito de lixo.

Mesmo com a falta de estrutura, o local ainda é frequentado pela população, sobretudo nos dias mais quentes, que busca refresco na praia formada pelo Rio Coxipó. Um dos frequentadores assíduos é Marciano de Oliveira França, 28. “Dá raiva ver tanto dinheiro jogado fora. É um descaso total, uma falta de respeito com as pessoas mais pobres que têm isso aqui como única opção de lazer”. França lembra que o anúncio de construção do balneário e o início das obras foram comemorados pelos frequentadores, mas que hoje sobrou apenas decepção.

Com o abandono das obras e sem o devido cuidado, muito lixo acaba jogado dentro do rio. Ariel Paulo, 40, que toma banho no rio há pelo menos 12, explica que em várias oportunidades, alguns banhistas se reúnem para fazer a limpeza. “Senão não dá e chega uma hora que não teremos mais isso para nos divertir”. Lembra que antes, o dono do bar era obrigado a contratar garçons extras para conseguir atender a demanda. “Hoje são poucas pessoas que vêm para cá”.

Angelo Delos, 42, que estava pela primeira vez no Rio Coxipó, era outro que lamentava o abandono do local. Ele destacou que esteve em locais que tinham menos potencial turístico, mas atraíam muitas pessoas por conta da estrutura. “É até revoltante saber que tudo é feito somente pensando em voto e campanha política”.

A construção do balneário do Complexo da Ponte de Ferro foi iniciada em julho de 2007. A obra estava orçada em mais de R\$ 1 milhão, valor obtido por meio de uma emenda parlamentar do então deputado Ricarte de Freitas Júnior. Meses depois, a obra foi interditada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) por falta de licenciamento adequado e retomada apenas em 2008. No final de 2009, alegando falta de pagamento por parte da prefeitura, a construtora decidiu paralisar a construção.

Outro lado - Dono da construtora responsável pela obra, o engenheiro civil Gildásio de Almeida Brito explicou que a construção não foi concluída por falhas no projeto, que não contemplava a construção total do complexo. “A planilha não previa, por exemplo, a iluminação externa”. Já a Secretaria de Obras de Cuiabá informou que as intervenções necessárias para a conclusão serão licitadas em breve.